

# ***O Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus: A literatura como denúncia do trauma do não-lugar**

*O Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus:  
Literature as a denunciation of the trauma of placelessness

*O Quarto de Despejo* de Carolina María de Jesús: La literatura como  
denuncia del trauma del no-lugar

Francisco Fianco<sup>1</sup>  

Marceli Menega<sup>2</sup>  

## **Resumo**

Esse trabalho se propõe a estudar o trauma em psicanálise e os aspectos sociais através da obra *O Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada* de Carolina Maria de Jesus, relato de uma vida de sofrimento experienciada pela própria autora. A partir de fragmentos da obra analisaremos o trauma a partir da teoria psicanalítica, observando os aspectos políticos sociais que contribuem para o agravamento desse desamparo. Para isso utilizaremos, além do livro de Maria Carolina de Jesus as obras de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, o dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis e a livro de Zygmund Bauman e Riccardo Mazzeo, *O elogio da Literatura*, o texto *O Narrador* de Walter Benjamin e o texto *O Preto e a Psicopatologia* de Frantz Fanon. A escolha da abordagem desta obra em especial se dá no contexto da importância de se trabalhar e se pensar os direitos humanos em relação à educação a partir da literatura como elemento sensibilizador: para a formação de sujeitos éticos e cidadãos é também necessário que se possa formar seres humanos sensíveis e empáticos, e a literatura se apresenta como um veículo privilegiado do desenvolvimento desta sensibilidade.

**Palavras-chave:** Literatura; Trauma; Políticas Sociais; Narrativa.

## **Abstract**

This work aims to study trauma in psychoanalysis and its social aspects through the work *O Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada* by Carolina Maria de Jesus, an account of a life of suffering experienced by the author herself. Based on fragments of the work, we will analyze trauma from a psychoanalytic perspective, observing the socio-political aspects that contribute to the exacerbation of this helplessness. To this end, in addition to Carolina Maria de Jesus's book, we will use the works of Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, the psychoanalytic dictionary by Laplanche and Pontalis, the book *In Praise of Literature* by Zygmunt Bauman and Riccardo Mazzeo, Walter Benjamin's text *The Storyteller*, and Frantz Fanon's text *Black Skin, White Masks*. The choice of this particular work stems from the importance reflecting on human rights regarding education, using literature as a sensitizing element: for the formation of ethical and civic-minded individuals, it is also necessary to cultivate empathetic human beings, and literature presents itself as a privileged vehicle for the development of this sensitivity.

**Keywords:** Literature; Trauma; Social Policies; Narrative.

## **Resumen**

Este trabajo se propone estudiar el trauma en psicoanálisis y los aspectos sociales a través de la obra *O Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada* de Carolina Maria de Jesus, relato de una vida de sufrimiento vivida por la propia autora. A partir de fragmentos de la obra, analizaremos el trauma desde la teoría psicoanalítica, observando los aspectos sociopolíticos que contribuyen al agravamiento de este desamparo. Para ello utilizaremos, además del libro de María Carolina de Jesús, las obras de

<sup>1</sup> Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS – Brasil.

<sup>2</sup> PROJETO - Associação Científica Psicanálise e Humanidades, Passo Fundo/RS – Brasil.

Sigmund Freud, Sándor Ferenczi, el diccionario de psicoanálisis de Laplanche y Pontalis y el libro de Zygmunt Bauman y Riccardo Mazzeo, *El Elogio de la Literatura*, el texto *El Narrador* de Walter Benjamin y el texto *El negro y la psicopatología* de Frantz Fanon. La elección del enfoque para este trabajo en particular surge de la importancia de trabajar y reflexionar sobre los derechos humanos en relación con la educación, utilizando la literatura como elemento sensibilizador: para la formación de individuos éticos y ciudadanos, es necesario también cultivar seres humanos sensibles y empáticos, y la literatura se presenta como un vehículo privilegiado para el desarrollo de dicha sensibilidad.

**Palabras clave:** Literatura; Trauma; Políticas sociales; Narrativa.

## Introdução

A literatura nos oferece diversas possibilidades, o estudo dos relatos factuais como narrativa literária oferece uma compreensão do ser humano da maneira mais real e verdadeira possível. Através da escrita, o autor, além de criar um cenário que atrai outros sujeitos que também se interessam em compreender o meio descrito por ele, também possibilita um entendimento do sujeito humano, seu psiquismo, suas condições sociais, suas percepções sobre a realidade em que está inserido e principalmente sobre seu sofrimento.

Muitos autores ocupados em criar teorias que pudessem ajudar o ser humano a compreender o meio que o cerca viram na literatura uma via de construção teórica inserindo-a em uma prática, de maneira que pudessemos compreender mais de perto as ideias mais complexas desse lugar acadêmico.

Sigmund Freud utilizou de narrativas da literatura clássica como meio de compreender diversos elementos presentes nos sintomas de seus pacientes construindo conceitos de grande relevância, tais como “Complexo de Édipo”, “Narcisismo” e “Eros e Tânatos”. Nesse sentido, a narrativa literária possibilita o envolvimento com o personagem que apresenta e a compreensão desse sujeito como alguém inserido em conflitos a partir de sua realidade.

Por isso, escolhemos para esse estudo o livro de Carolina Maria de Jesus, *O Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada*, para analisarmos, através de sua narrativa simples e real, os aspectos do trauma pensado através da teoria psicanalítica. Além disso, o trabalho também se propõe a compreender o motivo pelo qual Maria Carolina necessitou escrever essa obra, observando os aspectos sociais e políticos em que a autora se encontrava, e como a literatura foi o meio possível para que Maria Carolina pudesse sobreviver à difícil realidade na qual se encontrava.

Para esse estudo será necessário um primeiro capítulo que trabalhará os aspectos sociais da literatura e das nossas formas de narrativa. Para isso serão utilizadas as obras *O elogio da literatura* de Zygmunt Bauman e Riccardo Mazzeo e o texto *O Narrador* de Walter Benjamin. No segundo capítulo falaremos sobre a compreensão do trauma em psicanálise, sendo utilizados para isso os autores Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e o dicionário de psicanálise de Laplanche e Pontalis. Por fim o terceiro capítulo fará a análise da obra *O quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus, conectando os dois primeiros capítulos teóricos à narrativa factual da autora além de propor uma discussão sobre as questões raciais responsáveis pelo agravamento do trauma vivenciado pela autora.

A escolha da abordagem desta obra em especial se dá no contexto da importância de se trabalhar e se pensar os direitos humanos em relação à educação a partir da literatura como elemento sensibilizador: o *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus é uma das mais fortes e mais tocantes obras da literatura brasileira do século XX, chamando a atenção para mazelas sócias e psicológicas que ainda estão presentes nos cotidianos das populações marginalizadas do nosso país mesmo décadas depois de sua denúncia. Entendemos que a educação seja um caminho fundamental para a formação de pessoas que não permitam e não se permitam normalizar a barbárie de uma sociedade tão desigual, permeada pela violência, pelo medo e pela fome. Nesse sentido, entendemos que para a formação de sujeitos éticos e responsáveis é também necessário que se possa formar seres humanos sensíveis e empáticos, e a literatura se apresenta como um veículo privilegiado do desenvolvimento desta sensibilidade.

## 1 A Narrativa real e o efeito social a partir da literatura

Não se escrevem mais livros como antigamente. Essa frase, tão comumente ouvida hoje, nos obriga pensar na existência de uma diferença marcante entre as formas clássicas de narrar e as obras construídas no contemporâneo. Não são apenas diferenças estéticas ou cronológicas que marcam esses dois tempos, são principalmente os aspectos sociais e as mudanças subjetivas.

No texto *O Narrador* (1936), Walter Benjamin propõe uma discussão sobre o destino do narrador que se faz útil para pensarmos o motivo de propormos como análise literária de cunho acadêmico o livro escrito por uma mulher em situação de fragilidade social no intuito de compreendermos as implicações dessa narrativa para a educação em direitos humanos como forma de fazer frente a uma cultura de ódio e violência. Para essa compreensão, utilizamos um fragmento do texto de Benjamin (2008 [1936], p. 217) sobre o desaparecimento do narrador.

A arte de narrar aproxima-se do seu fim por que a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um “sintoma de decadência”, e muito menos de uma decadência “moderna”. Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo.

Fica claro que, para Benjamin, a arte de narrar diz respeito a uma vivência que não existe mais, as grandes histórias transmitidas por anos de forma oral estavam embasadas em vivências experimentadas por seus narradores de forma heroica e profunda. Nesse sentido, é verdade que nossa sociedade não é mais capaz de produzir esse tipo de narrativa, pois com a modernização o sujeito está mais propenso a apenas ter experiências vazias e cotidianas, no trabalho, nos estudos intelectuais ou em seus lares comumente monótonos do que vivências épicas ou romanescas.

Dessa forma, pensando nesse desaparecimento do narrador, que tipo de narrativas temos hoje? A possível resposta a essa questão aparece a partir da narrativa de nosso

próprio inconsciente, e das dificuldades de o sujeito moderno lidar com seu vazio. O que se narra hoje é a experiência própria da vida cotidiana e seus lamentos pela falta de vivências importantes, o que leva diretamente ao vazio da existência. (Benjamin, 2008 [1936]).

Nesse sentido, a autora Carolina Maria de Jesus é a narradora a que Benjamin se refere, mostrando a partir de dentro o contexto da miséria social em que vive. Em sua narrativa não há nada de heroico, nada de excepcional, mas, apesar disso, o que torna tudo mais impressionante é a competência que a autora mostra, sua visão sociopolítica, sua crítica e a capacidade de, mesmo com extrema dificuldade, organizar seu pensamento em torno dos inúmeros cadernos que nos deixou como herança.

Pensando no sistema social do qual participamos, e que nos condena a essa narrativa sem narrador, os autores Zygmunt Bauman e Riccardo Mazzeo em seu texto *A Salvação pela Literatura*, propõe um importante questionamento logo nas primeiras linhas, a pergunta que se constrói é: diante de um sistema fragilizado, o que quebra primeiro? Riccardo, lembrando de uma conhecida citação de Bauman a partir da analogia da ponte que cai, compreende que sempre o mais fraco é o primeiro sacrificado, ou seja, em uma sociedade capitalista que vê o sujeito apenas como a peça de um sistema maior, no momento que esse sistema começa a ruir, as peças mais frágeis são as que quebram primeiro e por consequência, são descartadas.

Uma sociedade que se mede pelas médias de renda em seu interior e variáveis baseadas apenas em consumo reduzem a classe desprivilegiada a uma vida de expectadores: eles se tornam uma espécie de corpo estranho, [...] algo não diferente de um tumor cancerígeno, cujo tratamento mais sensato é a extirpação, ou pelo menos o confinamento e/ou remissão forçados, induzidos e planejados (Bauman; Mazzeo, 2020, p. 34)

Para eles, o sujeito que não conseguiu se adequar a esse sistema fica propenso a ruína, e com muita frequência é escamoteado para as periferias. Assim, a proposta do ensino de literatura como o espaço possível para a educação em direitos humanos, coloca o sujeito pensante de volta no jogo, fazendo com que ele possa, através da leitura e escrita, retomar o controle de sua vida. (Bauman; Mazzeo, 2020)

Nesse texto, Bauman e Mazzeo defendem o acesso à literatura, vindo principalmente do olhar e da fala do professor, que, a partir do espaço que ocupa na vida de seus alunos apresenta o texto como um ressignificante da vida desses jovens. Além disso, defendem a importância do desenvolvimento das competências humanas como chave para viver em um mundo contemporâneo tão marcado pelo desconhecimento, pela rapidez e pela superficialidade.

O que isso quer dizer é que, no tipo de sociedade hoje prevalecente, as probabilidades estão estabelecidas contra a aquisição, o controle e o desdobramento de competências cuja posse, combinada com a capacidade de utiliza-las, é, como argumentavam convincentemente Sen e Nussbaum, indispensável para uma vida humana digna e gratificante. As probabilidades também são contrárias a uma distribuição justa dessas competências. Eu sugeriria que a desigualdade ostensiva na distribuição desses bens constitui, hoje, a base da desigualdade social em todas as suas outras dimensões (Bauman; Mazzeo, 2020, p. 42).

A literatura e as artes em geral abrem a possibilidade de pensar sobre o que acontece, nesse sentido valem mais do que dinheiro, ou valem de forma diferente, já que, citando um antigo ditado americano pouco lembrado nos dias de hoje, mas revivido por Bauman (2020, p. 42) nesse texto: “se eu lhe der um dólar e você me der um dólar, nós teremos um dólar cada; se eu lhe der um pensamento e você me der um pensamento, cada um de nós terá dois pensamentos”.

Antes, porém, que passemos ao tema do trauma do ponto de vista psicanalítico, cumpre observar que Carolina Maria de Jesus talvez represente um novo tipo de narrador, para além das categorias apresentadas até então e canônicas nos estudos literários, a de narrador do irrepresentável.

Seguindo os passos de Benjamin, reiteramos a ideia de que o narrador do romance relata sua experiência, suas viagens, as passagens do tempo e os deslocamentos no espaço, em oposição ao narrador pós-moderno, que, em sua mesmidade, em seu cotidiano monótono e maquinal, moderno, urbano e fabril, narra justamente a ausência das experiências, ou seja, a vida massificada em uma sociedade administrada. Nossa autora, por outro lado, parece em certa medida não se encaixar em nenhuma destas categorias anteriores: nem heroína romanesca protagonista de seu próprio enredo, tampouco burocrata materialmente confortável denunciando a vacuidade de seus dias, ela é uma mulher negra e pobre, arquetipicamente periférica, cuja vida é sempre incerta sem que ela seja a protagonista de suas desventuras e sim a vítima de seu enredo.

Em vários trechos, como se verá adiante, ela se entende submetida a pressões externas e contextuais, se tivéssemos que aproximá-la de algum cânone narrativo este seria o trágico do sujeito que se esforça sempre malogradamente para se opor a forças que lhe excedem. Mas nem isso, pois aqui não figuram as Parcas nem as Erínias, senhoras do destino contra o qual se revolta o herói trágico, as potências dessa narrativa são o medo, o desprezo, o frio e a fome. Talvez resida justamente na psicanálise a capacidade de abordar este narrador que nos parece escapar da literatura, talvez seja necessária uma área do saber cuja tarefa pode ser descrita como perceber o que não é dito ao se dizer, o que é silenciado ao se narrar para que possamos nos aproximar de um narrador que em seu esforço existencial tenta colocar em palavras justamente a experiência do indizível. Talvez Benjamin já tenha intuído essa impossibilidade comunicativa que, não tendo sido superada na Primeira Grande Guerra, se apresenta nos arrabaldes brasileiros (e não só) ainda hoje: “Não se notou, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável?” (Benjamin, 2008 [1936], p. 214).

## **2 Reflexões sobre o trauma em psicanálise**

A psicanálise se ocupou desde seus primórdios com o estudo de pacientes traumatizados. Sigmund Freud iniciou seu estudos a partir da compreensão dos traumas de mulheres acometidas por sintomas histéricos, as quais, em função da repressão sexual imposta pela sociedade da época, frente a situações de abuso ou exposição sexual, não

encontravam recursos psíquicos para dar conta do sofrimento, o que fazia-as prostrar-se de tal maneira que seus corpos não respondiam mais aos comandos psíquicos.

Dessa maneira, os sintomas histéricos traumáticos foram compreendidos por Freud primeiramente como uma reação tardia a um trauma vivido no passado, e que após a reencenação da cena originária obrigaria o paciente a produzir um determinado sintoma físico para proteger-se da dor da experiência que causou o sofrimento. (Freud, 1996 [1893]).

Além disso, Freud acrescenta:

De maneira análoga, nossas pesquisas revelam para muitos, se não para a maioria dos sintomas histéricos, causas desencadeadoras que só podem ser descritas como traumas psíquicos. Qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos – tais como os de susto, angústia, vergonha ou dor física – pode atuar como um trauma dessa natureza; e o fato de isso acontecer de verdade depende, naturalmente, da suscetibilidade da pessoa afetada [...] Essas causas só podem exercer um efeito traumático por adição e constituem um conjunto por serem, em parte, componentes de uma mesma história de sofrimento. (Freud, 1996 [1893], p. 41-42).

Não podemos deixar de mencionar o fato de que a maioria das pessoas que buscavam os serviços de Sigmund Freud vinham de famílias ricas e abastadas, podendo inclusive pagar pelos tratamentos oferecidos pela psicanálise no formato que se apresentava na época. De qualquer forma, o que nos interessa aqui é a compreensão dos efeitos do trauma psíquico, e como ele provém, segundo Freud, não apenas de um fato isolado, mas, muitas vezes, a partir de diversas cenas traumáticas, sendo repetidas de forma insistente psiquicamente.

Mais tarde a psicanálise passou e se ocupar de traumas a partir das experiências de guerra desencadeados pelo avanço da primeira guerra mundial. Os soldados que retornavam dos campos de batalha com um nível de sofrimento até então inédito passaram a ser estudados por Freud de forma a compreender os efeitos da neurose traumática e como poderiam ser ajudados através do tratamento psicanalítico. Aqui incluímos a segunda tópica freudiana a partir do texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), o qual entende o trauma a partir do exemplo da “vesícula viva”, a qual tenta se proteger do aumento das excitações exteriores a partir de uma camada protetora externa, que deixa passar apenas quantidades toleráveis de excitação, porém se essa camada protetora chamada por Freud de “para-excitações” vem a sofrer uma extensa efração, temos então o traumatismo. (Freud, 1996 [1920]).

Assim, quando um excesso de desprazer, ou como costumamos chamar, de sofrimento, romper com a camada protetora do psiquismo, uma espécie de cicatriz quelóide começa a se formar. A partir disso, podemos compreender os casos de traumatismos oriundos de questões sociais como as guerras, ou mesmo os aspectos sociais causados pelo sistema capitalista e as novas demandas contemporâneas.

Para Laplanche e Pontalis, no Dicionário de Psicanálise, a noção de trauma ou traumatismo designa-se por

Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Em termos

econômicos o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente estas excitações. (Laplanche; Pontalis, 1991, p. 522).

Nesse sentido, caso o aparelho psíquico e suas defesas se sintam ameaçadas, a tarefa do sistema como um todo é mobilizar todas as forças que estão disponíveis para iniciar um contra-investimento, direcionando grandes quantidades de excitação a fim de tentar reestabelecer o funcionamento normal do psiquismo, a partir do princípio do prazer. Essa forma de ordenamento psíquico, na prática, gera no sujeito em sofrimento traumático uma espécie de conflito interno, pois, no intuito de reintegrar o sistema normal do aparelho os conteúdos circulam desordenados, causando no sujeito uma dificuldade de ordenamento interno. (Laplanche; Pontalis, 1991).

Nos é indispensável a compreensão desses elementos do trauma e seu funcionamento, já que para a leitura proposta a seguir a dificuldade de ordenamento social e os aspectos sintomáticos da personagem desse estudo aparecem de forma evidente em sua narrativa.

### **3 Carolina Maria de Jesus, a favela e o não-lugar social**

A personagem que iremos analisar nesse trabalho se mostra muito diferente dos clássicos estudos de caso transcritos ao longo dos anos pela tradição quer seja literária quer seja psicanalítica.

Carolina Maria de Jesus é uma mulher traumatizada que fala de si em primeira pessoa, expondo a forma como se entende, sua visão de mundo e o que pensa sobre ele. Não possui formação acadêmica, nem dinheiro, e até onde sabemos não tem vínculos parentais, seu único apoio são os filhos que teve com um homem que escolheu não sustentar o lugar de pai e marido.

Apesar da fala dura sobre seu lugar no mundo, Carolina não está presa ao ressentimento, mas assume uma posição crítica e realista sobre o que passa ao seu entorno o que torna seu relato não apenas mais um dos tantos textos chorosos que encontramos por aí, relatando mágoas e indignações sem sustentação política nem possibilidade de solução. A falta de ressentimento se explica pelo pouco valor social que a autora representava não apenas em seu contexto como, igualmente, com o qual concordava, escancarando aquela dominação simbólica conforme teorizada por Bourdieu (2020) através da qual os dominados passam a validar e reproduzir as categorias de pensamento e linguagem de seus dominadores. Por acreditar no pouco valor que tem dentro de seu contexto social, evidenciando a interseccionalidade de sua especificidade de gênero, mulher, de raça, negra, e de classe, pobre (Gonzales, 2020; Greenshaw, 2002), Carolina Maria de Jesus não desenvolve os mecanismos narcísicos necessários para acreditar que vale mais do que o mundo lhe está oferecendo, o que impossibilita o desenvolvimento do ressentimento como esse sentimento de inadequação entre o que se pensa de si, Narcisismo, e o que o contexto nos devolve, Princípio de Realidade. (Kehl, 2020).

Nossa personagem principal não apenas sabe quais os maiores problemas políticos do país e consequentemente de sua população como propõe soluções reais. Para ela “o governante do país precisa ter passado fome”, nesse sentido, se pensarmos que Carolina está no momento desse dito percorrendo os anos de 1960, quase podemos considerá-la uma profetisa, já que, anos mais tarde, o país enfrentaria uma revolução trabalhista que lançaria e subsequentemente elegeria um candidato à presidência da república com o perfil e a proposta de trabalho tão insistentemente apontado por Carolina. Infelizmente, Carolina não viveu o suficiente para ver suas palavras tomarem forma e se tornarem reais, já que faleceu em 1977 aos 62, lamentavelmente imaginando que seus sonhos eram apenas uma utopia que nem mesmo seus filhos viveriam.

Porém, nesse capítulo vamos nos ater ao que diz respeito aos aspectos psíquicos e sociais do sujeito que se apresenta no livro *O Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada*. Infelizmente não tivemos o privilégio de conhecer a pessoa real de Carolina, nem mesmo conviver com seus próximos, dessa forma nossa análise seguirá pelos caminhos da narrativa contida em seu livro, a partir de suas próprias palavras. Assim, imaginaremos Carolina, em uma modesta tentativa de compreender parte da sua dor, e entender o que fez com que, mesmo com toda capacidade que possuía, nunca ter podido sair desse lugar em que se encontrava, destituída de espaço e de visibilidade.

Começaremos conhecendo Carolina através de recortes de sua narrativa. A saber, o livro é escrito no formato de um diário, com datas e anotações pertinentes a seu tempo. Além disso, nessa publicação também foram respeitados o modo particular de escrever da autora, priorizando seu conteúdo, o que fez com que correções formais do texto fossem abandonadas, decidimos, portanto, por recortar os trechos mantendo esse mesmo formato, respeitando assim a associação proposta pela autora.

21 DE MAIO Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (Jesus, 2005, p. 35).

O trecho apresentado acima se refere às primeiras palavras escritas por Carolina logo ao acordar. No texto, nos apresenta um sonho que teve no qual ela estava vivendo uma realidade diferente da sua, no sonho vivia em uma casa digna, tinha condições de oferecer algo aos filhos e finalmente, mas não menos importante, tinha acesso a uma mesa farta de alimentos. Em relação a este tema, Sándor Ferenczi compreende que:

Assim, uma definição mais completa da função do sonho seria (em vez de: o sonho é uma realização de desejo): todo e qualquer sonho, ainda o mais desagradável, é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquico melhores, no sentido, poderíamos dizer, do “esprit d’escalier”, o que, na maioria dos sonhos, é facilitado por uma diminuição da inteligência crítica e pelo predomínio do princípio do prazer (2011 [1931], p. 128).



Para Ferenczi (2011 [1931]), o sonho é uma via pelo qual o aparelho psíquico tenta ordenar os traumas e as intercorrências do dia-a-dia, assim, além dos conteúdos inconscientes que emergem como uma forma de “mensagem”, a escolha dos restos diurnos que fundamentam a coerência do sonho, são elegidas por uma tentativa saudável do psiquismo de dar conta do sofrimento.

Assim, ao analisarmos o sonho descrito por Carolina, podemos perceber o processo psíquico através do qual acontece uma tentativa de reordenamento do trauma, mesmo que esse não possa ser de fato resolvido.

20 DE MAIO [...] Abri a janela e vi as mulheres que passam rapidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. E os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. [...] ...Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (Jesus, 2005, p.33-34)  
5 DE JUNHO ...Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragedias que os politicos representam em relação ao povo. (Jesus, 2005, p. 47).

Os dois fragmentos acima fazem parte das anotações de dias diferentes. Carolina demonstra uma visão lúcida da realidade e uma capacidade de escrita dotada de competência, transformando compreensões do que escuta ao seu redor em um texto organizado e coerente. Nesse sentido, percebemos aqui a importância da literatura na vida da autora. Só a partir da escrita, suas percepções conseguem tomar forma, e se tornar uma ideia.

Para Bauman, um dos lugares onde essas competências podem ser desenvolvidas é na escola, através do vínculo genuíno com aquele que educa:

Quais são as cartas que o professor ou professora dão a juventude? Essas cartas são, como diriam Amartya Sen e Martha Nussbaum, “competências”: aptidões e tendências que constituem as condições necessárias, e talvez suficientes, para uma vida decente e digna, produtiva e gratificante – como, por exemplo, entre outras sensibilidade (olhos e ouvidos bem abertos para as visões e sons do mundo, para aquilo que ele pode oferecer, para os outros que nele habitam, para aquilo que eles podem oferecer e para o que eles necessitam a fim de serem capazes de cumprir suas promessas) [...] (Bauman; Mazzeo, 2020, p. 38-39).

Podemos imaginar que Carolina Maria de Jesus, em algum momento de sua vida, pode estabelecer vínculo genuíno que lhe possibilitasse tamanha competência para defender-se das mentiras do mundo, e frente a isso assumir uma posição crítica. A partir disso, algo foi possível prevalecer, de forma que o trauma não fosse forte o suficiente para engolir o pouco que restava em si.

Aqui vemos pequenos indícios da construção desse lugar de competência e criatividade, junto a um outro:

1 DE JUNHO [...] Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados. (Jesus, 2005, p. 43-44.).

7 DE JUNHO [...] ...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

—Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

—Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. (Jesus, 2005, p. 48).

Uma pequena lembrança da mãe é mencionada nos dois trechos destacados, o que comprova o vínculo inicial que possibilitou que Carolina encontrasse através da criatividade um meio de sobreviver ao trauma.

Assim afirma Bauman e Mazzeo:

Sim nós podemos buscar individualmente, e individualmente encontrar salvação na literatura, ou num filme, uma canção, uma pintura - todas essas criações que nós abarcamos sob o nome de “arte”, no sentido de obras de imaginação, capaz em seu voo – exatamente como os ocupantes empobrecidos e indolentes de Totó – de deixar para trás as duras realidades de seu lar sem teto – aquele deserto desolado confiscado em vista de um poço de petróleo (Bauman; Mazzeo, 2020, p. 43).

Além de todas as questões de classe, apontadas através da narrativa de dificuldades financeiras que Carolina esboça nas diversas páginas de seu livro, precisamos tratar da questão racial envolvendo seus traumas e suas angústias. Para isso, utilizaremos os recortes a seguir.

16 DE JUNHO [...] ...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

—É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

...Um dia, um branco disse-me:

—Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (Jesus, 2005, p. 58).

29 DE JUNHO [...] A Florenciana, a morta de fome. Vinha reclamando que a sua filha Vilma não havia ganhado nada. E havia participado da corrida, precisava uma medalha. Quem chegou em primeiro lugar foi a Iracema. A Florenciana é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se ela fosse dona de matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois. (Jesus, 2005, p. 67).

15 DE JULHO [...] Quando cheguei na favela tinha um português vendendo miudo de vaca. Comprei meio quilo de bucho. Mas eu não gosto de negociar com português. Eles não tem educação. São obcenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando explora-la. Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros. O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de fígado se ela lhe aceitasse. Ela não quis. Tem preta que não gosta de branco. Ela saiu sem comprar. Ele deixou de vender por ser atrevido. (Jesus, 2005, p. 83).

21 DE JULHO [...] ...Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison. Quando eu cheguei ele começou insultar-me:  
—Negra suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira. (Jesus, 2005, p. 88).

Os recortes acima nos ajudarão a compreender um aspecto singular do trauma na população negra. Para isso, utilizaremos o texto de Frantz Fanon intitulado *O Preto e Psicopatologia* que se propõe a explicitar as diferenças, negligenciadas pelos maiores teóricos, a cerca da realidade presenciada pela população negra que reside em locais predominantemente brancos. Para Fanon, negar essa diferença obriga uma adaptação falha da teoria, o que torna as compreensões sobre os materiais recalçadas e seu retorno, a partir do sofrimento psíquico do negro, sem qualquer sentido.

Em seguida, há o inconsciente. O drama desenrolando-se à luz do dia, o negro não tem tempo de “inconscentizá-lo”. O branco, em certa medida, consegue fazê-lo; é que, no seu caso, surge um novo elemento: a culpabilidade. O complexo de superioridade dos pretos, seu complexo de inferioridade ou seu sentimento igualitário são conscientes. Eles os utilizam o tempo todo. Eles existencializam seu drama. Não há neles a amnésia afetiva que caracteriza a neurose-tipo. Cada vez que lemos uma obra de psicanálise, discutimos com nossos professores ou conversamos com doentes europeus, ficamos impressionados com a inadequação dos esquemas correspondentes diante da realidade que oferece o preto. Progressivamente concluímos que há substituição de dialética quando se passa da psicologia do branco para a do negro. (Fanon, 2008, p. 134).

A partir disso, compreendemos que o trauma, para o sujeito negro é constante, se repetindo insistentemente no dia-a-dia, assim o processo de recalque proposto pela teoria freudiana clássica não abarca totalmente os efeitos psíquicos dessa forma de sofrimento. Fanon chama atenção para a diferença que se estabelece nessa situação, pois, segundo ele, o negro não tem tempo para ficar enfermo, para curar-se, conseguir lutar pelos seus desejos ou mesmo conquistar espaço digno de vida em sociedade.

O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irreabilidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem. E a realidade se revela extremamente resistente... Mas alguém poderá pretender que descrevo um fenômeno universal, – o critério da virilidade sendo justamente a adaptação ao social. Responderemos então que esta crítica é inadequada, pois mostramos justamente que, para o preto, há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina. (Fanon, 2008, p. 133).

Ao lermos o livro de Carolina Maria de Jesus, *O Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada*, sentimos, em sua narrativa, o peso e a dor das questões raciais acrescidas a sua situação de abandono, fome e negligência. Em diversos momentos lemos os abusos cometidos sobre ela em função de sua cor, e a constatação indevida de que sua condição

é consequência do mesmo. Carolina é uma mulher que possui diversos traumas, que se repetem durante todos os dias de sua vida adulta, tornando seu psiquismo e sua capacidade de enfrentamento das adversidades completamente diferentes do sujeito branco.

## **Considerações finais**

Ao tomarmos contato com o livro de Carolina Maria de Jesus, uma coisa imediatamente fica clara, algo de valor pode ser produzido em meio ao sofrimento. A autora, através de sua narrativa, nos mostra os efeitos reais e subjetivos causados pela pobreza, negligência e preconceito de quem mora na favela da cidade de São Paulo em uma época na qual os acessos a sistemas e projetos sociais eram ainda mais difíceis que nos dias atuais.

O objetivo desse trabalho foi compreender como uma produção com um valor tão grande pode se construir em meio a tantas dificuldades, como Carolina utilizou da literatura como processo subjetivante e meio de formação de si finalmente porque, apesar de ter conseguido reconhecimento após a descoberta e publicação de seus cadernos, a autora manteve certos limites e dificuldades, não podendo concretizar muitas coisas que desejava, mesmo diante da possibilidade de fama e dinheiro.

Através desse trabalho, compreendemos que as dificuldades que Carolina enfrentou não se limitavam ao concreto como comida, dinheiro ou moradia, mas se estendiam a um trauma tão profundo que envolvia sua cor, o lugar de onde veio, e os maltratos que passou e seguia passando.

Fica claro que a dor sentida e expressa nas várias páginas, incansavelmente escritas pela autora, era interna e externa, e, apesar de todas as competências, a solidão na qual estava aprisionada era maior. Nesse sentido, Carolina conseguiu sobreviver e dar, anos mais tarde, oportunidade aos três filhos que criou com tanto zelo, porém, não pode dar uma oportunidade a si, de ser olhada e cuidada. A literatura salva, dá possibilidade e abre caminhos àqueles que assim desejarem, e para nós resta uma obra de grande valor social, político e, principalmente, humano.

Ao escolher a literatura e a autonarrativa como veículo de formação de si mesma e de sua família, possibilitando que muitas outras gerações tomassem contato com seus textos e sua experiência de vida através da literatura, Carolina nos ensina que o amor, amor pelos filhos, amor pelo saber, amor pelos livros e pela escrita, é o caminho mais poderoso como mecanismo de enfrentamento de uma cultura de ódio, de discriminação de gênero e raça, de violência. Que o registro de sua dor possa nos inspirar e se transformar em força para perseverarmos na tarefa de levarmos a cabo uma plena educação em direitos humanos em nossas atividades, sejam elas profissionais, sejam elas como cidadãos.

## **Referências**

BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Ricardo. A salvação pela literatura. *In*: BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Ricardo. **O Elogio da Literatura**. Zahar: Rio de Janeiro, 2020, p. 39-50.

BENJAMIN, Walter. O narrador: primeira versão. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da Cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 213-239.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: a condição feminina e a violência simbólica [La Domination Masculine]. Tradução de Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 01, p. 171-188, 2002.

FANON, Frantz. O Preto e a Psicopatologia. *In*: FANON, Frantz. **Pele Negra Mascaras Brancas**. EDUFBA: Salvador, 2008, p. 127-174.

FERENCZI, Sándor. Reflexões sobre o trauma. *In*: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas, Psicanálise IV**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 109-137.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira, volume XVIII; - Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar [1893]. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira, volume II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 39-53.

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo, Diário de uma Favelada**. Editora Ática: São Paulo, 2005.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo, 2020.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1991.